

A hora e a vez da cena queer: *The Drama Queen*

Por Felipe de Menezes¹

Nesse 35º Festivale, a curadoria optou por realizar uma mostra com os grupos locais. Tal iniciativa, extremamente louvável, se justifica pelo fato de que, nessa pandemia, muitos artistas estão sem trabalho devido aos fechamentos dos teatros. Privilegiar, nesse momento de tantas exceções, artistas da cena local me pareceu ser a resposta mais certa que a Fundação Cultural Cassiano Ricardo através dos curadores do festival puderam dar. Estamos assistindo a um verdadeiro mosaico da produção teatral joseense dos últimos anos. E esse mapeamento é a coisa mais importante dessa edição.

Outra coisa que tem me chamado muito a atenção nessa pandemia é a maneira como o público tem reagido aos espetáculos quando esses são transmitidos pelo *YouTube*: dos teclados virtuais de espectadores chovem emojis e palavras afetivas durante toda a peça. Nós, que adestrados fomos a ficar em silêncio na plateia, estranhamos as reações constantes do público nessa interação direta e não mediada. O teatro online/remoto/digital tem mudado os protocolos tidos como sagrados – ao menos nas salas tradicionais de teatro. Vale sempre lembrar que o teatro de natureza popular feito na rua e em contato direto com o povo sempre recusou esses protocolos de silenciamento do público presente. O que será que disso utilizaremos no retorno ao presencial?

¹ Felipe de Menezes é diretor, iluminador e professor de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior paulista. Atualmente é professor de teoria e história do teatro no Teatro Escola Macunaíma e na Escola Livre de Teatro. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro) além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

A Casa das Lagartixas Teatro Clube apresentou na noite de hoje, 29 de outubro de 2021 o espetáculo The Drama Queen, um solo com o ator Diogo Cábuli. Na história do teatro brasileiro, apenas no Século 20 começaram a aparecer personagens homossexuais. Antes, essas histórias eram invisibilizadas na cena teatral ou quando essas personagens apareciam, eram sempre através de caricaturas dessas corpos. A cena queer brasileira ainda precisam ser muito estudada e ampliada em nossos espaços. Esse monólogo que estreou em 2019 cumpre parte dessa lacuna: traz para a cena alguns fatos e a memória do relacionamento homoafetivo do próprio ator.

Quando o teatro cumpre a sua função social é inevitável vermos em cena pautas coletivizadas: dores que são da ordem do indivíduo, por exemplo, se tornam eminentemente da ordem do que é comunitário. O teatro comprometido com seu meio bem como o teatro que pesquisa a própria linguagem jamais deixa de elevar aspectos do pequeno círculo dramático ao grande círculo sócio-político. E é justamente nisso que está ancorado o solo de Diogo Cábuli: embora em chave dramática e, portanto, produzindo uma identificação imediata no espectador, a cena alcança esse nível mais abrangente (e interessante!). Nem seria preciso sublimarmos que temas como patriarcado e homofobia são de natureza política, pois são construídos dentro da própria cultura.

O espetáculo, que espelha o relacionamento de Diogo, é de uma sensibilidade extrema, desde a manipulação dos objetos em cena até às canções e textos ditos pelo ator. Um conceito importante se faz presente na encenação: Diogo trata toda sua cena na delicadeza justamente criando um ruído pela contradição das falas homofóbicas que o constituiu como um homem gay. Embora haja dureza na vida diária das nossas corpos transvestigêneres, a escolha estética foi ao modo contrário e acabou nos apresentou uma poética cheia de encantos e de momentos bastante emocionantes.

Cábuli como um artista inquieto prepara uma nova versão desse mesmo trabalho a ser estreado em breve. Nele, outros parceiros serão chamados à roda para compor a muitas mãos um novo trabalho que passará por outro tratamento dramático e uma nova encenação. Vida longa ao espetáculo!

O teatro salva e cura e, portanto, deve haver um sentido pra tudo isso, Diogo! Evoé!